

## **Ponto de Situação – Da Revista 4 à Re.vis.ta**

**Editoras:** Flávia Violante, Rita Duro e Rita Salgueiro

**dobra**

### **Revista 4 (2013 - 2014)**

Estudámos História da Arte e pela altura em que estávamos a terminar os mestrados constatámos que não era editada em Portugal nenhuma revista exclusivamente dedicada a arte contemporânea e impressa em papel.

Tinham acabado há pouco tempo formatos de grande tiragem como a Arte & Leilões que passou por várias fases diferentes, a Arte Ibérica ou a L+Arte. Persistiam como hoje as revistas académicas, com um leque temático e cronológico geralmente abrangem: Marte, CINE QUA NON, Revista de História da Arte – IHA. Acompanhávamos com interesse superficial a crítica/divulgação nos jornais Público e Expresso, realizada em espaço condicionado e orientada por uma lógica valorativa com pontuações.

No campo das publicações digitais, a Artcapital desenvolvia um trabalho importante de divulgação e arquivo, com conteúdos algo irregulares, especialmente no que diz respeito à expectativa de atualização a que os meios digitais nos habituaram.

Olhámos com muito interesse para projetos temporários como a Pangloss, ou de autoedição como a Intervalo, a Nada ou a Punkto. Recuando temporalmente, notámos que um número significativo de revistas históricas tinham lançado poucos números. Pensámos por exemplo no marco que foi a revista Orpheu, mas também a Variante, entre outras. Exemplos de longevidade são raríssimos. Com a chancela institucional da Fundação Calouste Gulbenkian e a coordenação de J.A. França, referimos a Colóquio-Artes. No plano internacional admiramos a October, a Afterall, o design gráfico da Partisan Review.

Foi portanto no final de 2012, início de 2013 que começámos a trabalhar. Depois de várias leituras e em plena crise económica, chegámos à conclusão de que dificilmente conseguiríamos integrar uma publicação estabelecida, não estava eminente a criação de uma revista institucional e que as revistas académicas funcionavam dentro de lógicas internas bem delimitadas e regulamentadas.

Nos nossos tempos livres, avançámos com o projeto da Revista 4 que consistia numa publicação em papel, como o próprio nome indica com quatro números, cada um subordinado a um tema: “Revistas Culturais”, “O Artista?”, “O Estado da Arte”, “Legitimação da Arte”. Com o fim anunciado à partida e um pouco sem rede, mas já com a colaboração da Sílvia Prudêncio que assina o design, fomos fazendo convites e recebendo respostas positivas.

Definimos como objetivo criar uma revista interessante e apelativa para leitores como nós. Sem o peso da academia - apesar de muitos autores serem próximos a esses contextos - mas que não ficasse pela superficialidade da divulgação. Privilegiámos textos de reflexão e fomos testando formatos, dimensões, autores e perspectivas. Nunca assumimos uma linha teórico-metodológica estanque. A circulação de autores garantia essa liberdade.

Entretanto conseguimos alguns apoios pontuais que asseguraram a execução do projeto (Fundação Leal Rios, Fundação Calouste Gulbenkian, mais tarde Imprensa Municipal - CML), estabelecemos uma rede de distribuição e tratámos da comunicação com os meios que tínhamos. Agradecemos a todos os que conosco colaboraram voluntariamente, uma vez que só terminado o projeto conseguimos realizar um pagamento simbólico, gerado através das receitas.

### **Re.vis.ta (2016 -)**

A Re.vis.ta é uma continuação inevitável da Revista 4. Feito o balanço dessa experiência, decidimos repensar o que entendemos pela categoria que dá título à publicação. Deixámos o quatro, e a ideia de fim à vista. A divisão silábica na Re.vis.ta, aponta para uma cadência e desaceleração que nos interessa explorar. Da experiência anterior aproveitámos o que correu melhor e alterámos o que correu pior.

Insistimos numa publicação impressa, sem periodicidade fixa. A Re.vis.ta define-se como espaço de reflexão, crítica e divulgação para as artes visuais, com particular incidência na produção artística contemporânea. Tem como foco o campo artístico português e considera de forma coerente as relações com o contexto internacional.

Cada revista é desenhada como um todo. Pensamos no objeto como resultado global e ponderamos cada texto na sua relação com os restantes e com as revistas anteriores. Privilegiamos formatos ou tipologias de artigo: temos sempre um texto escrito por um artista, investigador, ou curador que esteve ou está uma temporada fora de Portugal, um conjunto de perguntas relacionado com um tema único, garantindo várias perspetivas sobre um assunto, um segmento dedicado a exposições, cerca de três por número, um bloco de dois ou três textos livres, ou seja que não cabem em nenhum dos outros formatos. Privilegiamos conversas de curadoria e análise de livros, e por fim deixamos lugar para um texto que reflete de forma autocrítica o trabalho de uma plataforma artística. Em cada número convidamos um artista para produzir um objeto que acompanha a revista mas que pode ser independente: um cartaz, um múltiplo, .

A escolha dos autores é outro ponto essencial. Trabalhamos com quem valoriza a reflexão, o tempo, a impressão em papel. O interesse dos temas, projetos, exposições, relaciona-se com a escolha dos autores e com as suas perspetivas teórico-metodológicas. Estamos empenhadas no cruzamento de gerações, sem hierarquia. Convidamos e recebemos autores que nos interessam ler, e informalmente, trabalhamos com alguns autores em continuidade.

O design da Re.vis.ta beneficia da experiência anterior. Perante as limitações financeiras e de acordo com as condições que a Imprensa Municipal nos oferece, imaginámos uma revista agrafada, de baixo custo, para impressão digital. A Sílvia Prudêncio voltou a apresentar-nos uma proposta que superou de longe as nossas expectativas. Desde a utilização do título como elemento gráfico na capa, até à separação dos cadernos por cores e níveis que abraçam o núcleo central. É uma revista muito delicada, elegante e frágil. O design reforça a importância e o cuidado da leitura.

## **O presente**

O exercício autorreflexivo de recuar ao ponto de onde partimos e voltar até ao ponto em que nos encontramos é um percurso muito rico. Olhando para 2013 percebemos que são várias as alterações no plano da autoedição em Portugal. Por exemplo, existem novos projetos editoriais digitais como a [wrongwrong.net](http://wrongwrong.net) e a [contemporanea.pt](http://contemporanea.pt) e no campo

das publicações em papel a Fundação EDP prepara uma nova revista para 2018. O número de feiras relacionadas com autoedição e artes gráficas também tem crescido nos últimos anos em Lisboa e no Porto, destaque para a Feira Morta, EDIT - Feira de Edições de Lisboa, Feira Deriva de Arte Impressa e a Raia - Tráfico de Edições. Surgiram novas livrarias vocacionadas exclusivamente para revistas, apresentando uma seleção mais vasta e abrangente como a MagKiosk (Lisboa), ou mais seletiva e cuidada como a Under the Cover (Lisboa) e a Manifesto (Mercado Matosinhos).

É igualmente importante referir exposições como Portugal em Flagrante - Operação 1, uma mostra semipermanente da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian com obras sobre papel, acompanhadas por publicações do acervo da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. Este diálogo de um século estabelece linhas de comunicação entre as publicações periódicas tida como parte integrante de um meio artístico.

Não obstante e perante um visível interesse pela autoedição, desde os meios mais alternativos até às instituições, a reflexão crítica ainda é limitada a nichos. Parece-nos necessário que a discussão ganhe novas vozes, formato e leitores. Mantêm-se sobretudo as dificuldades de financiamento continuado para projetos editoriais. No nosso caso, valorizamos o apoio não financeiro que a Imprensa Municipal nos concede numa base mais ou menos anual, e anualmente também, procuramos apoios que cobrem os custos de papel e o ainda simbólico pagamento aos autores. O custo de venda ao público foi estabelecido nos 5 euros porque não acreditamos que em Portugal seja possível financiar uma revista exclusivamente com as receitas. Em 2016 foi criado um apoio pontual à edição pela DGARTES, mais vocacionado para livros de artistas, catálogos, ensaios. Este facto não suprime a falta de um modelo de apoio mais alargado que permita uma reflexão e programação a longo prazo.

Por fim e depois de quatro números da Re.vis.ta (o 4º no prelo), procuramos trabalhar outros paradigmas de posicionamento e traçamos como objetivo central para os próximos dois números, desestabilizar editorialmente e em conteúdos o ponto de vista geográfico.